



DA SINGULARIDADE HUMANA À INDISCIPLINA ESCOLAR: UMA ANÁLISE SEGUNDO A FILOSOFIA CLÍNICA

*Tainara Aline Munaretto de Oliveira*¹

Resumo

Este artigo faz uma análise da indisciplina escolar com base nos princípios teóricos da Filosofia Clínica. A indisciplina foi objeto de pesquisa de um projeto de intervenção (PI) realizado em uma escola do município de Concórdia – SC, durante o curso de especialização em Coordenação Pedagógica oferecido pela Universidade Federal de Santa Catarina. Neste, percebeu-se que a indisciplina é um assunto complexo, atravessado por diversas circunstâncias e que para sua compreensão, é relevante um aprofundamento na singularidade de cada caso. Por isso, optou-se pela abordagem teórica da Filosofia Clínica, um método psicoterápico estruturado pelo filósofo Lúcio Packter, baseado no respeito à unicidade humana. Procura-se fazer uma adequação do enfoque teórico da Filosofia Clínica ao trabalho pedagógico em sala de aula, a fim de melhor compreender os casos convencionalmente chamados de indisciplina. Trata-se de uma opção metodológica que se mostrou adequada às informações coletadas na pesquisa, pois considera relevante o diálogo com o grupo de professores, pois são eles os atores que mais revelam suas inquietudes com essa problemática.

Palavras-chave: filosofia clínica; indisciplina; singularidade humana.

Abstract

This article analyses the scholar indiscipline based on the principles of the clinical philosophy. The indiscipline was object of a research to a intervention Project (IP) held at a school in the town of Concórdia during a course on specialization on educational coordination, offered by the Federal University of Santa Catarina. In this, it has been noticed that indiscipline is a complex subject, going through many circumstances and to understand it, it's important to go deeply on the singularity of each case. Because of that, it was chosen the theoretical approach of the clinical philosophy, that is, a method of psychotherapy structured by the philosopher Lucio Packter, based on the respect of the human singularity. We try to adapt on the theoretical beginning of the clinical philosophy

¹ Filósofa Clínica, graduada em Pedagogia. E-mail: tailinemoliveira@gmail.com



with the educational work in the class for a better understanding of the cases conventionality called indiscipline. It's a methodological option that seemed to be right for the acquired informations by the research, because it considers important the dialogue with the teachers group because they are the actors that more frequently reveal their anxieties about this problem.

Keywords: clinical philosophy; indiscipline; human singularity.

Conversações iniciais

Age também o sábio consoante a medida da sua sabedoria; a atividade de cada criatura nasce da natureza do seu ser. (...) Melhor é viver segundo a consciência própria, mesmo imperfeitamente, do que se guiar, com perfeição, pela consciência alheia. (KRISHNA, 2010, p. 42).

Investigar e questionar são dois verbos necessários para a efetivação de um trabalho pedagógico, porque estes abrem as portas da curiosidade intelectual e possibilitam compreender um tema, traçar interlocuções com outros aspectos. São verbos que estimulam a curiosidade científica e valorizam o ato de conhecer, como por exemplo, os contornos de uma realidade escolar. Para isso somos desafiados a suspender nossos juízos de valor, os prévios conceitos sobre o que observamos, para que se torne possível entender os fios que tecem as roupagens presentes nesta realidade escolar.

Este primeiro passo na caminhada realizada até então se aproxima, precariamente, do estilo da *maiêutica* socrática: fazer perguntas sobre uma realidade escolar e seu trabalho pedagógico. Quais as características sociais que marcam esse contexto? Como se configuram as manifestações culturais nos processos curriculares? Como é a organização política e pedagógica desta escola? O que a escola conhece das condições socioeconômicas dos estudantes? Qual a qualidade afetiva das relações entre as pessoas? Quais os aspectos históricos que são considerados no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola? O que os governantes, a mídia, os professores, os estudantes, as famílias esperam da escola e o que a escola exige destes? Existem elementos ocultos na prática pedagógica? De que forma e para que as pessoas são educadas? Há outros fatores que exercem influência para que essa realidade se apresente de tal forma?



Toda realidade é uma construção social que se arquiteta a partir de diferentes práticas e linguagens. Não há, portanto, uma realidade que possa ser generalizada, que explique a vida de todos, que justifique as abordagens em torno de temáticas. Mas, realidades, assinaladas por traços e manifestações culturais peculiares, por circunstâncias geográficas, políticas, antropológicas, por extratos econômicos, dentre outros. O sujeito que pretende conhecer uma realidade é também constituído e constituidor desses traços, sua reflexão é pertinente à sua visão de mundo, o que dá o matiz de seu pensar. Não é minha intenção responder a todas essas questões, mas viver o exercício de questionar, saber que é possível delinear um horizonte reflexivo mais amplo e perceber que o que sabemos é uma pequena parcela de um campo em estudo. Um ponto de vista, desde a sua gênese visto de um ponto (BOFF, 2000, p. 9) com influências diversas.

Então, com o cuidado de deixar que os julgamentos não atrapalhem e não direcionem a análise conforme a conveniência da autora, o questionamento está interessado em problematizar a indisciplina, nesse universo diverso e entrelaçado de questões que perpetram a escola. Refletir não é um trabalho simplificado, requer articular o pensamento com a formação, com as observações do campo pesquisado e o discernimento para indagar e propor, criar compreensões, interpretar a realidade pesquisada. Fazer diferentes leituras para inventariar uma concepção de mundo. Como destaca Boff (2000, p. 9),

ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. (...) Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é a sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura. A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem convive, que experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação.

É com esse entendimento que pretendo traçar a escrita deste artigo, buscando algumas referências no projeto de intervenção (PI) que realizamos, eu e outras companheiras de formação, durante este curso de especialização, o qual teve como foco a indisciplina. Esse conteúdo foi escolhido porque eram constantes as queixas dos profissionais, razão que fazia a instituição considerar a indisciplina um dos maiores problemas enfrentados pela comunidade escolar. O projeto de intervenção teve como título - *Indisciplina escolar: visão de alunos e professores da 6ª série da Escola Básica Municipal Ângelo Ary Biezus*. Optamos por realizar o projeto em apenas uma das escolas



selecionadas e a turma foi escolhida por apresentar, sob o ponto de vista dos profissionais, sérios problemas, entre os quais, o que é por eles nomeado como indisciplina.

Com o objetivo de conhecer as práticas pedagógicas vigentes nesta escola, elaboramos questionários para alunos e professores: ao analisar os dados, constatamos que a indisciplina é percebida tanto por docentes, quanto por discentes; que é vista por eles como uma questão complexa, causadora de conflitos e dificuldades, cujas situações são bastante variáveis e necessitam de muitos estudos para bem interpretá-las.

Diálogos com os autores para interpretar o observado

Minha reflexão sobre a indisciplina busca nos aportes teóricos da Filosofia Clínica o enfoque preferencial. É necessário esclarecer que a Filosofia Clínica é também um método psicoterápico, criado pelo filósofo Lúcio Packter, a partir de seu trabalho em consultório e hospital com pesquisas práticas e teóricas, cuja ênfase está no humanismo. Nessa concepção, não há patologias, nem tipologias, o que existe é sistematização de características, que não são configuradas como “boas ou más”. A própria ideia do que é considerado *bom* e *mau* é objeto de reflexão.

Nessa abordagem, cada pessoa é vista como única e constituída de uma singularidade que a torna peculiar com seu jeito de *ser-no-mundo*. “A Filosofia Clínica traz um enfoque novo de como estar com o outro, no sentido mais humano, o respeito pela dor humana. Cada pessoa tem o direito de possuir o seu jeito de ser no mundo” (PACKTER, 2008, p.7). Com essa ideia central, a Filosofia Clínica pode contribuir para pensar os problemas de relacionamentos que acontecem na escola, pois amplia nossa percepção ao olharmos para a convivência entre os sujeitos que ocupam esse espaço. Nessas relações, onde cada ser interage com características únicas, referenciadas pela sua história de vida, a ocorrência de divergências e conflitos torna-se possível. Em situações específicas, a indisciplina pode envolver conflitos na relação entre professor e aluno.

A indisciplina pode ser considerada um ato de violência quando alguém impõe ao outro o seu estilo de conceber as coisas: o professor estabelece para o aluno a sua percepção de mundo e ignora que o aluno também possui a dele, e que ambas são diferentes, mas podem ser complementares. Para Perrenoud (2000), existe um princípio de violência quando a relação pedagógica é uma relação de forças e quando o estabelecimento de ensino não reconhece os mesmos direitos para todos e nem lhes assegura o respeito. Perrenoud (2000, p. 145-6) acentua que



a violência não é só golpes, ferimentos, furtos e depredações. É agressão à liberdade de expressão, de movimento, de comportamento. A obrigação escolar é uma violência legal, que se traduz todos os dias por coações físicas e mentais muito fortes: a escola obriga as crianças, quatro ou cinco dias por semana, a se levantarem às sete horas da manhã para irem à aula. Ela também lhes impõe que fiquem sentadas durante horas, que se caleem, que não comam, não se balancem, não saiam do lugar sem autorização, não devaneiem, sejam atentas e produtivas. Obriga-as a mostrarem seu trabalho, a se prestarem a mil avaliações, a aceitarem os julgamentos sobre sua inteligência, sua cultura, seu comportamento. A escola não é só o lugar onde explode a violência de uma parte dos jovens; ela participa de sua gênese, exercendo sobre eles uma formidável pressão.

Contudo, não podemos descartar a hipótese de que certas manifestações de indisciplina, de algum modo podem caracterizar-se como resistência aos padrões conservadores da escola, com seu histórico autoritarismo, as hierarquias que sustentam relações de mando e obediência, sem levar em conta os anseios de crianças, adolescentes, jovens e adultos. Se há uma pressão inserida no próprio princípio de escolaridade obrigatória, que faculta aos professores instaurarem a exigência da disciplina, não o fazem por acaso, ao contrário, sentem-se legitimados para isso, ou utilizam-se deste dispositivo para justificar que ele é condição de sobrevivência profissional, como ressalta o mesmo autor.

Em geral, atos de indisciplina praticados por alunos são percebidos pelos docentes como uma afronta, uma tentativa de quebrar as regras estabelecidas, então, acreditam que é fundamental conferir ao educando sua representação de mundo, a todo custo, para coibir a indisciplina. Crianças e adolescentes, por exemplo, nem sempre compreendem as sutilezas que engendram esse movimento, e podem se evadir porque se sentem frustrados com a escola. Se prestarmos atenção ao modo como a história da educação foi sendo tecida no Brasil, não é demais intuir que há discrepâncias na formação dos estudantes, que o trabalho pedagógico fragilizou-se com relação à formação de sujeitos críticos, com responsabilidade social, mesmo com as conquistas da escolarização.

Muitos são os fatores que podem inspirar aquilo que é chamado, convencionalmente, de indisciplina pelos educadores. As situações podem parecer exatamente iguais, porém, cada uma delas tem um caráter particular: sempre será diferente para um aluno e também para um educador, e estes vão entender a indisciplina



de um modo exclusivo, de acordo com o seus valores, sua cultura e formação, ou seja, de acordo com a singularidade de cada um.

Aiub (2005) aponta que a singularidade precisa de liberdade de autoria para manifestar-se como essencial no reconhecimento do sujeito, de certas adaptações dos princípios familiares para a atividade educativa. Inspirada na Filosofia Clínica, a autora ressalta o qual fundamental é

respeitar a representação de mundo do outro, a singularidade e a diversidade humanas, desenvolver a 'escuta atenta', deixando de lado as verdades cristalizadas e permitindo o diálogo questionador, o pensar junto; desenvolver a compreensão não julgando sem antes conhecer o contexto, a circunstância em que ocorre o fato, a atitude ou a idéia; valorizar não apenas a racionalidade, mas o ser humano como um todo, considerando suas emoções, percepções, todo o seu modo de ser, conhecer e viver; trabalhar a interseção tentando torná-la propícia ao objetivo e à conveniência (AIUB, 2005, p. 10).

Ainda conforme Aiub (2005), o trabalho do professor pode ter um cunho de pesquisa em sala de aula: investigando a maneira de conhecer de cada aluno², os meios mais adequados para expressar sua compreensão sobre o tema trabalhado², o significado peculiar de algumas expressões e conteúdos³, as verdades preexistentes que direcionam o pensamento⁴, o foco da atenção⁵, a visão de mundo⁶, entre outros tópicos⁷. Versa sobre uma nova maneira de entender e manejar os problemas do cotidiano escolar, no caso deste artigo, a indisciplina. Eis que é somente uma nova base teórica, livre da pretensão de ser proclamada como a melhor ou que deva ser usada por todos, é apenas mais uma possibilidade de trabalho prático através de uma teoria filosófica.

Cabe aqui uma ressalva, quanto à forma de trabalho da Filosofia Clínica em sala de aula, mencionada logo acima: nem todos os professores precisam usar tal meio para lidar com suas dificuldades, isso vai depender das concepções de cada educador, ou seja,

² Em Filosofia Clínica, o estudo desse campo é feito no tópico 20 chamado Epistemologia. ² Refere-se, em Filosofia Clínica, ao tópico 15 – Semiose.

³ Tópico 16 – Significado.

⁴ Tópico 5 – Pré-juízos.

⁵ Tópico 14 – Espacialidade, que é dividido em Inversão, Recíproca de inversão, Deslocamento curto e deslocamento longo.

⁶ Tópico 1 – Como o mundo parece.

⁷ A Filosofia Clínica está organizada em 30 tópicos para fins de organização didática.



cabará a ele avaliar se esta é a estratégia mais adequada ao trabalho pedagógico. Assim sendo, o importante é o princípio teórico de respeito à singularidade humana que traz a Filosofia Clínica, possibilitando a cada professor a escolha pedagógica, de acordo com o que habita em seu íntimo. O coordenador pedagógico pode ser útil auxiliando na hora de avaliar o fazer pedagógico, sugerindo uma reflexão densa que amplie as opções das ferramentas pedagógicas a serem utilizadas em sala de aula.

Aspectos observados na escola em pauta

Remetendo a reflexão ao que foi observado na escola em pauta durante a realização do Projeto de Intervenção, trago alguns exemplos que ilustram as situações consideradas como indisciplina por alguns alunos e professores. Para eles, jogar bolinhas de papel nos colegas; conversar assuntos alheios a aula com outros alunos, enquanto o professor está explicando o conteúdo; recusar-se a realizar as atividades propostas, produzem desconfortos para a docência. Mas, se dois alunos jogam bolinhas de papel, isso não significa que ambos tenham a mesma razão para essa atitude, ou que pretendam apenas desarranjar o trabalho pedagógico. Para um deles, pode ser uma forma de chamar a atenção do grupo, uma maneira de buscar afeto ou de anunciar que não está aprendendo. Para o outro, pode ser uma fuga, revolta com o excesso de exigências que compõem a aula, desinteresse pelo assunto. As possibilidades que motivam a compreensão destas ocorrências, simples para crianças e adolescentes, danosas para os adultos no exercício de sua profissão, são diversas. É apropriado ressaltar que é o nosso olhar que determina quando o ato de “jogar bolinhas de papel” durante a aula é um grande expoente, ou uma pequena fração na avaliação da indisciplina em sala de aula.

No decorrer da pesquisa surgiram várias percepções quanto à indisciplina praticada pelos alunos. E os professores, será que às vezes também não manifestam alguma(s) indisciplina(s) ao desempenhar sua função? Refletir sobre contextos educativos requer ir além de quantificar índices de indisciplina de alunos ou professores, ou representar graficamente os tipos de indisciplina mais frequentes, ou ainda, tentar calcular as probabilidades dos fatores que permitem a indisciplina. Nas palavras de Sousa, (2002, p. 184):

a escola não é uma esteira de produção e os educandos não são mercadorias que precisam ser avaliadas por controle de qualidade. Também não é uma pista de equitação porque os aprendizes não são



eqüinos que partem de um mesmo ponto para disputar o primeiro lugar, mesmo que, para isso, tenham que pisotear, machucar seus pares porque ali são adversários.

A escola é uma instituição encarregada de garantir aos sujeitos a formação humana, associada à capacitação para se apropriarem dos saberes, construírem conhecimentos e experiências de como participarem da vida social. Com isso, a ideia do respeito à singularidade humana torna-se pertinente. Respeito àquilo que cada um apresenta de si ao mundo, seja aluno ou professor, é essencial para uma relação ética. De acordo com os teóricos da Filosofia Clínica,

a primeira lição fundamental (...) é que aquilo que uma pessoa sente, vive, afirma, imagina, faz – isso é assim para ela –, independente de ser compartilhado com as outras pessoas, de ser aceito, criticado, ironizado, proibido e assim por diante.(...) Por isso, cada pessoa sente um beijo carinhoso, o aroma do café, o vento nos cabelos, a leitura de um poema ou a audição de uma linda balada de amor, a luz macia de um luar, cada pessoa vive cada coisa de um modo único, e é ela quem saberá o prazer ou o não prazer do que está vivendo, pois cabe a ela mensurar o que vive, somente a ela. Mesmo que adote as mesmas medidas de mensuração de uma outra pessoa (PACKTER, 2008, p. 13).

Contudo, se cada pessoa tem uma representação de mundo que lhe é peculiar, os sujeitos existem em relação, fundam na coletividade princípios de convivência, o que demanda a cada um cuidar dos espaços que são compartilhados por todos. Não nos tornamos humanos independentes da cultura, da história, dos afetos trocados, das crenças incorporadas, da educação que forja nossa formação. Criamos verdades, disputamos lugares sociais, mas não podemos nos perder de um agir com ética, para garantir a todos direitos democraticamente conquistados. Para a Filosofia Clínica há dois tipos básicos de verdade: uma que é subjetiva, e habita a alma de cada um; outra que é a verdade Convencionada, estabelecida pela sociedade. Para Packter (2008, p. 16), “muitas vezes a verdade subjetiva de uma pessoa pode se associar harmoniosamente, ou colidir, ou negar, ou aumentar, ou refletir, ou evitar a verdade convencionada”.

A indisciplina na escola pode estar associada ao conflito entre a verdade subjetiva do aluno, de acordo com a sua íntima representação de mundo e, a verdade convencionada social, cultural e politicamente presente nas concepções de educação que fazem parte da representação de mundo do professor. Esse tipo de embate entre o que cada um concebe



como verdade para si, pode afetar dimensões íntimas da condição humana, como as emoções, até as macro-concepções sociais.

Conforme os dados da pesquisa realizada, os professores apreendem a indisciplina no interior de uma trajetória histórica, e priorizam os aspectos sociais para justificarem-na, em detrimento dos emocionais. Do relatório do Projeto de Intervenção (PI) realizado na escola, destacam-se alguns aportes do que dizem os professores que exercem a profissão há anos:

Os problemas de indisciplina têm piorado cada vez mais; às vezes até fazem comparações saudosistas entre os alunos de antigamente e os de hoje. Isso os remete à indagação sobre que questões envolvidas com a indisciplina proporcionaram algumas mudanças – conforme é percebido por alguns professores em sua trajetória histórica (KLEIN et al., 2011, p. 9).

Partindo de uma análise sociológica é possível afirmar que houve muitas mudanças na forma de organização social, como por exemplo, adequações ao novo ritmo de vida proporcionado pela evolução das tecnologias. Para Giddens, citado por Dayrell (2011), é salutar que se leve em conta como a condição juvenil está sendo construída em um contexto de grandes transformações sociais e culturais, ocorridas nos últimos tempos, as quais trazem originais significados de tempo e espaço e geram uma nova arquitetura do social.

Essa nova arquitetura social é marcada pelo consumo, pela velocidade, pela novidade e variedade, inclusive nas suas relações (BAUMAN, 2004). Na significação do tempo e do espaço, se inclui uma noção de tempo mais acelerada e uma percepção de que os espaços diminuam, graças às tecnologias e suas redes. A geração da internet, por exemplo, não acha que o outro lado do mundo é tão longe como a professora de geografia ressalta, ao contrário, para eles, esse mesmo ‘outro lado do mundo’ está a um toque na tela do computador, fazendo com que os espaços diminuam devido à sensação de proximidade. Mas, se a internet travar ou ficar mais lenta, esses jovens da geração midiática mostram-se frustrados e impacientes: esperar alguns segundos dá a sensação de esperar vários minutos. A noção temporal desses jovens é diferente, embora nossas medidas de tempo convencionais ainda sejam as mesmas.

O trabalho pedagógico parece não articular as necessidades, os desejos, os sonhos de uma grande maioria de crianças e jovens, hoje completamente diferentes dos anseios



das crianças e jovens de décadas atrás. Em cinco anos, provavelmente tudo isso terá mudado. O que historicamente levava gerações para mudar, hoje leva apenas alguns poucos meses para se transformar em necessidades dos jovens, numa determinada sociedade e cultura. A maneira como as relações entre os estudantes acontecem, também com a escola, é permeada por conflitos, e alguns travestem-se de violências.

Os alunos que recebemos hoje em nossas escolas são desafiadores. Vivem em um mundo digital e, antes mesmo de chegarem à escola, já têm acesso a inúmeros conhecimentos e informações oriundos das tecnologias que hoje existem nos lares e em outros ambientes sociais. Assim, precisamos refletir como a escola está se preparando para receber estes alunos e motivá-los a construir novos conhecimentos e relacionamentos (KLEIN et al., 2011, p. 9).

Para muitos jovens, as necessidades tecnológicas equivalem às necessidades fisiológicas. Como a escola pode assimilar esse novo tempo? Quem é e como é o educando do presente? Como as tecnologias podem qualificar o trabalho pedagógico, enriquecer as atividades curriculares e ganhar o interesse dos aprendizes? Quais estratégias educativas podem ser articuladas com os anseios de crianças e jovens na contemporaneidade? Uma reflexão que continuará necessária para novas pesquisas e estudos. Não há respostas terminais que aplaquem a problemática da indisciplina, especialmente nas salas de aula.

Faço agora uma metáfora entre uma orquestra e uma sala de aula, na qual o professor é o maestro que tenta executar uma sinfonia, cuja partitura foi escrita com notas carregadas de utopias, mas que o maestro busca seguir como se fossem reais. Os compassos estão desafinados porque a noção temporal acelerou junto com a velocidade de mudanças que ocorrem em nossos dias. Os músicos estão conectados por um fone de ouvido, que os deixa atentos à ditadura da mídia, sendo assim, os gestos do professor-maestro são desinteressantes. E a plateia, ao ver esse espetáculo, só é capaz de ouvir o incessante alarme da indisciplina.

Os alunos-músicos se tornarão *bons* quando forem capazes de desenvolver a autodisciplina e, no momento em que tiverem o desejo de executar cada nota com perfeição e não aceitarem menos do que isso, porque músicos de uma orquestra são disciplinados e buscam a perfeição da sinfonia. Mas para tal, se exige um incansável esforço que parece não ter mais nada a ver com o estilo de vida confortável de ‘tocar os botões’ dos dias de hoje. Os mestres-maestros que seguem suas antigas partituras



precisam ousar compor suas próprias sinfonias, com notas carregadas de particularidades latentes em nossa realidade. Que o tempo seja usado com criatividade e encanto o público-sociedade com o contraste entre som e silêncio. Assim, o ruído da indisciplina não será mais um alarme, um sinal de alerta, mas fará parte da composição de forma harmônica.

É aí que tem sentido o papel de educador: descobrir o que não está bem, o que está acontecendo e o que pode ser feito para lidar da melhor forma com essa situação.

Também observamos que, muitas vezes, os alunos conhecem as regras sociais, as regras de convivência da própria escola, que são construídas com a participação deles, mas não as cumprem para desafiar, chamar a atenção ou sinalizar algum problema que estão vivenciando (KLEIN, et al., 2011, p. 8).

É possível entender que a indisciplina é um tema complexo, pois envolve um emaranhado de fatores: aquilo que somos com nossas verdades íntimas e aquilo que somos de acordo com as verdades do mundo em que vivemos, em um movimento dialético, paradoxal, no qual influenciemos e somos influenciados. As ideias de Morin esclarecem que há

uma tradição de pensamento bem enraizada em nossa cultura, que molda os espíritos desde a escola elementar e nos ensina a conhecer o mundo por meio de ‘ideias claras e independentes’. Esta mesma tradição nos estimula a reduzir o complexo ao simples, a separar o que está ligado, a unificar o que é múltiplo, a eliminar tudo o que traga desordens ou contradições para nosso entendimento (MORIN; ALMEIDA; CARVALHO, 2007, p. 74).

Analisar a indisciplina de acordo com essa tradição de pensamento que Morin nos fala, seria como acreditar que um grande iceberg seja somente a ponta que está visível e ignorar que exista um todo muito maior que não aparece à primeira vista. Fugir dessa perspectiva reducionista, aceitar a complexidade que há na multiplicidade, é um desafio para analisar a indisciplina, de acordo com a particularidade de cada caso. Teorias que generalizam os motivos que levam à indisciplina, que rotulam todos os alunos como indisciplinados, como se fossem iguais, negam a individualidade que constitui o humano. No reducionismo empobrecemos conhecer a riqueza que é o mundo do outro.

Considerações finais

Na função de orientadora educacional, busquei problematizar uma pedagogia da singularidade, a partir da qual acredito ser possível entender melhor “os casos”



relacionados aos alunos considerados indisciplinados, como uma opção metodológica adequada às informações coletadas. Considero relevante o diálogo com o grupo de professores, como alternativa de reflexão dessa temática, pois são eles os atores que mais revelam suas inquietudes com essa problemática. Para muitos falta apreciar novos horizontes pedagógicos, entre os quais, o que é proclamado pela Filosofia Clínica.

O debate sobre a indisciplina, nas reuniões pedagógicas, nas conversas informais, envolvendo estudantes e familiares continua imprescindível. Indisciplina diz respeito a toda comunidade escolar. Buscar outras abordagens teóricas, experimentar olhares diversos sobre esse tema, possibilita que as reflexões fiquem mais ricas, cheias de sentido e talvez com novos significados. Talvez seja essa a principal persistência, encontrar novos significados para aquilo que chega a ser considerado um problema grave na escola.

Como responsabilidade coletiva, a indisciplina afeta a todos e precisa ser pensada por todos, ela não acontece como ato isolado de um ou de outro. Como ressalta Boff (2000, p. 73), “não existe a célula sozinha. Ela é parte de um tecido, que é parte de um órgão, que é parte de um organismo, que é parte de um nicho ecológico, que é parte de um ecossistema, que é parte do planeta Terra, que é parte do Sistema Solar, que é parte de uma galáxia, que é parte do Cosmo (...)”. A indisciplina está vinculada com a realidade de cada escola e com seu trabalho pedagógico, como um dos fios que tece a formação dos sujeitos.

Talvez seja tempo de dar um zoom no nosso olhar para enxergar quando estamos distantes e diante de nossos alunos. Alguns docentes evidenciam certa preferência afetiva por alunos que cumprem regras e ficam em silêncio, aqueles que raramente desafiam uma compreensão mais profunda da docência. Estes são considerados ‘bons alunos’. Vistos de qual ponto de vista? A partir de quais critérios? São etiquetas afixadas naqueles que fazem parte da suposta normalidade e que deixam o educador em sua zona de conforto.

Distinta da indústria, a escola não faz produção em série, não pode ser confundida com um grande banco, no qual tudo o que é depositado (conteúdos), pode ser retirado com juros (conhecimentos) e comprovado em detalhes por um extrato da conta (avaliação). Escola combina com trabalho artesanal, o que exige cuidado na escolha dos materiais, entusiasmo para encher o peito do mestre-artista, paixão na hora de lapidar com carinho o que precisa ser esculpido, de preparar as tintas certas para cada tipo de obra, de misturar as tonalidades com primor e, de saber, que essa arte, nem sempre encontra respaldo político. Ser um artista da educação é gratificante, o que pode motivar a luta por reconhecimento social.



REFERÊNCIAS

- AIUB, Monica. **Filosofia Clínica e educação: a atuação do filósofo clínico no cotidiano escolar.** Rio de Janeiro: Wak Ed., 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.
- BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana.** 34. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- DAYRELL, Juarez. **A escola “faz” as juventudes?** Reflexões em torno da socialização juvenil. Obra retirada da Biblioteca virtual do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica. Disponível em: <<http://coordenacaoescolagestores.mec.gov.br/ufsc>>. Acesso em 28/04/2011.
- KRISHNA. **Bhagavad Gita: A sublime canção.** 2.ed. São Paulo: Martin Claret, 2010.
- KLEIN, Mariluci Sordi; MARIA, Luana Policarpo; NILSON, Luciana; OLIVEIRA, Tainara Aline Munaretto de; RAABER, Marli. **Indisciplina Escolar: visão de alunos e professores da 6ª série da Escola Básica Municipal Ângelo Ary Biezu. Projeto de Intervenção. Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica da Escola de Gestores, MEC-UFSC, Florianópolis, 2011.**
- MORIN, Edgar (et al.). **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios.** 4.ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- PACKTER, Lúcio. **Filosofia Clínica: a filosofia no hospital e no consultório.** São Paulo: All Print Editora, 2008.
- PACKTER, Lúcio. **Filosofia Clínica: propedêutica.** 1997. Disponível em: <http://www.filosofiaclinica.com.br/Filosofia_Clnica_-_Propedeutica.pdf>. Acesso em: 05/02/2011.
- PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SOUSA, Ana Maria Borges de. **Violência e fracasso escolar: a negação do outro como legítimo outro. Ponto de vista.** n.3/4. Florianópolis: NUP/CED, 2002. (P.179-188).